B.B. King em "When Love Comes to Town", clipes gravados em Las Vegas e uma arrepiante releitura de "I Still Haven't Found What I'm Looking For" acompanhada por um coral religioso. À turnê "Lovetown Tour" segiu-se um intervalo estratégico para preservar a imagem do grupo e pavimentar o terreno para a drástica reinvenção que viria a seguir.

ACHTUNG BABY (1991) - Quando se espalhou que o U2 estava prestes a mudar de rumo, o boato foi imediato: a banda ia gravar um disco dance. Os ecos de eletrônica e batidas dançantes que vazaram sobre o novo trabalho bastaram para alimentar a conclusão apressada, mas "Achtung Baby" nasceu de outra coisa: a estadia do grupo em Berlim, cidade que vivia uma cena artística e musical de vanguarda em plena efervescência. Dessa experiência saiu o álbum que abre a fase experimental do U2 — experimental, mas ainda rock and roll na essência. "The Fly" é uma construção de distorções e guitarras em volume alto, "Until the End of the World" mostra The Edge deixando de ser um guitarrista básico para se aproximar do virtuosismo, e "Who's Gonna Ride Your Wild Horses" soa como o U2 de sempre. Houve estranhamento, sim: "Zoo Station", que abre o disco, desconcerta na primeira escuta; "Even Better Than the Real Thing" também foge do repertório habitual, e "Mysterious Ways" namora a world music. Ainda assim, crítica e fãs abraçaram o álbum, que marcou o nascimento de uma banda mais ousada artisticamente.

Divulgação



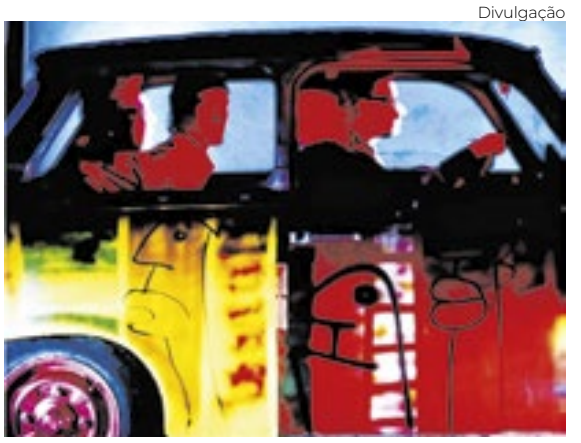
U2 nos tempos de 'Joshua Tree' em plena fase messiânica

Divulgação



O grupo surge na esteira do movimento punk

Divulgação



A fase pop dos anos 90 causou estranheza

Divulgação



U2: Shows grandiosos em estádios tornaram-se uma marca das tirnês da banda irlandesa

ZOOROPA (1993) - Composto no calor da estrada durante a "Zoo TV", ambiciosa turnê de promoção de "Achtung Baby", "Zooropa" representa o ápice da fase mais ousada e experimental da carreira do U2. Artisticamente denso e multifacetado, o álbum exibe um mergulho corajoso na estética da música eletrônica, evidente nas batidas hipnóticas e sintetizadores de faixas como "Lemon" e da hipnotizante faixa-título. Ainda assim, a essência melódica do quarteto irlandês ressoa em momentos mais introspectivos e acessíveis, a exemplo das delicadas "Stay (Faraway, So Close!)" e "Babyface".

ORIGINAL SOUNDTRACKS 1 / PASSENGERS (1995) - Quem procura aqui o U2 dos grandes refrões vai ter de garimpar. Lançado em 1995, com a banda sob o pseudônimo, o disco prolonga as experiências de Zooropa, mas com Brian Eno no comando. Concebido como a trilha sonora de um filme imaginário, traz um clima de texturas ambientais e eletrônicas que se desenrolam devagar, e em vários momentos o resultado soa mais como um trabalho do produtor do que da própria banda. O U2 que conhecemos aparece em lampejos: na melancólica "Miss Sarajevo", de pulso lento, em que a voz de Luciano Pavarotti dá ao trecho central um voo inesperado, e em "Your Blue Room", balada de contornos amplos. É nas peças instrumentais, porém, que o álbum se revela por inteiro.

POP (1997) - Lançado no auge das experimentações da década de 1990, "Pop" (1997) marcou o momento em que o U2 gravou um disco abertamente voltado à cultura clubber, uma guinada audaciosa que dividiu opiniões e acabou incompreendida por grande parte do público e da crítica. O trabalho entrega momentos inspirados como a psicodélica "Staring at the Sun", a visceral "Mofo" e a enérgica "Last Night on Earth". No entanto, o que por vezes soa incômodo ao longo do registro é a sensação de uma banda tentando provar a qualquer custo que não havia envelhecido.

ALL THAT YOU CAN'T LEAVE BEHIND (2000) - Consagrado como o aguardado retorno do U2 às suas origens, All That You Can't Leave Behind (2000) sintetiza um movimento natural do rock: após flertar com tendências modernas para provar relevância, a banda reavalia sua trajetória e reconhece que sua verdadeira força reside na essência que ela própria construiu. Deixando para trás os excessos e a estranheza das experimentações eletrônicas do álbum anterior, o grupo entregou um trabalho honesto e consciente de sua maturidade — sem a pretensão de revolucionar a música como fez no passado, mas capaz de produzir rock de forte apelo comercial sem perder de vista o apuro. Impulsionado pela grandiosa e solar "Beautiful Day", o disco abriga ainda pérolas mais puras e palatáveis como "Elevation" e "Walk On". E assim, o U2 fazia as pazes com as paradas de sucesso.

HOW TO DISMANTLE AN ATOMIC BOMB (2004) - O U2 chega a "How to Dismantle an Atomic Bomb" (2004) disposto a continuar sem arriscar. O disco dá seguimento ao trabalho anterior sem grandes sobressaltos, com canções bem acabadas e rock sem rodeios, como no single "Vertigo", que abre a conversa com guitarras na frente e refrão claramente criado para arenas. É um dos trabalhos mais roqueiros que o grupo lançou em muito tempo. Há momentos como "City of Blinding Lights", cujo brilho lembra o U2 dos anos 1980, e em "Sometimes You Can't Make It on Your Own", que Bono escreveu para o pai, falecido em 2001.

NO LINE ON THE HORIZON (2009) - Inicialmente concebido como uma tentativa de renovação sonora, o disco começou a tomar forma sob uma proposta inédita: o lançamento fracionado em dois EPs. Embora lampejos dessa busca por inovação ainda possam ser percebidos sutilmente em certas passagens, o grupo acabou recuando para caminhos mais convencionais ao condensar o material em um único álbum e convocar novamente seus antigos parceiros Brian Eno e Daniel Lanois para retrabalhar as sessões de Rick Rubin, que pouco foram aproveitadas. O resultado final é um trabalho apenas correto, mas perceptivelmente desprovido de maior inspiração. Os poucos momentos de verdadeiro brilho acabam restritos à envolvente faixa-título e ao ímpeto de "Magnificent".

SONGS OF INNOCENCE (2014) - Lançado cercado por uma agressiva e questionada estratégia de marketing, surgindo aleatoriamente nas bibliotecas do iTunes em todos os iPhones ao redor do mundo (ainda que de forma gratuita), o álbum trouxe o U2 operando um som seguro, buscando equilibrar o apelo aos fãs nostálgicos e aos ouvintes mais jovens. Através da produção refinada de Danger Mouse, o trabalho passeia por hinos pop modernos como "The Miracle (Of Joey Ramone)", "Every Breaking Wave" e momentos que resgatam a energia oitentista como "Iris (Hold Me Close)" e "Raised by Wolves". Embora tecnicamente impecável e ancorado na execução precisa, o disco compensa a falta de inspiração com metalinguagem e nostalgia, entregando um conjunto correto que não mancha a trajetória do grupo.

SONGS OF EXPERIENCE (2017) - Na altura em que a maioria dos artistas se acomoda na nostalgia, o grupo juntou produtores como Andy Barlow, Jolyon Thomas, Jacknife Lee e Ryan Tedder para trazer frescor, mantendo Steve Lillywhite para preservar a identidade. Pensado como contraponto ao antecessor a partir da obra de William Blake, o disco tem clima mais reflexivo e guitarras mais pesadas. "Love Is All We Have Left" e "Lights of Home" definem o tom, enquanto "You're the Best Thing About Me" e "Get Out of Your Own Way" provam que o faro para hits segue intacto. O álbum não está entre os melhores do quarteto, mas vale pela ambição: alterna grandiosidade e introspecção, mantém o inevitável tom messiânico e mostra um U2 que soa como sempre, mas finalmente se esforçando para entregar algo novo após um longo período de inércia.

SONGS OF SURRENDER (2023) - Não podemos chamá-lo de um trabalho inédito. O álbum de regravações toma emprestado o nome do livro de memórias de Bono ("Surrender") e revisita faixas clássicas partindo de um exercício de seleção: cada integrante escolheu dez canções do repertório do U2, e The Edge ficou responsável por reinventá-las em versões mais íntimas, sem os efeitos de estúdio, as guitarras elétricas e a percussão em estrondo, distribuídas em quatro volumes batizados com o nome de cada músico. De fato, nenhuma faixa soa como a original, mas quase nenhuma surpreende. O resultado é um disco sereno e elegante, de violões em primeiro plano, que olha para trás em vez de arriscar.

Amanhã, publicaremos a crítica de 'Carnaval de Luz'